

SILVIA RENATA ZANON

**O ENFRAQUECIMENTO DA CULTURA ORAL EM PEQUENAS
COMUNIDADES RURAIS E O PAPEL DA EDUCAÇÃO DO CAMPO
NO RESGATE DESSA TRADIÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca do Curso de Especialização em Educação do Campo da Universidade Federal do Paraná. Como requisito parcial para obtenção do grau de especialista.

Profº Orientador: **Marcelo Silva da Silva**

MATINHOS

2011

O ENFRAQUECIMENTO DA CULTURA ORAL EM PEQUENAS COMUNIDADES RURAIS E O PAPEL DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO RESGATE DESSA TRADIÇÃO

Silvia Renata Zanon¹

Marcelo Silva da Silva²

RESUMO

As narrativas orais são importantes meios de conservação e propagação da cultura da humanidade. Essas narrativas podem ser comparadas a uma forma artesanal de comunicação e com o advento da tecnologia, o êxodo rural, o individualismo e as novas formas de sociabilidade e de trabalho, desaparecem o ambiente favorável a experiência coletiva de ouvir e contar histórias, tornando cada vez mais rara esta arte. O presente trabalho traz uma pesquisa bibliográfica e um trabalho de campo sobre o enfraquecimento desta cultura e a importância do seu resgate dentro da educação do campo. Através das entrevistas realizadas na comunidade rural Guaxupé situada na cidade de Andirá Norte do Paraná foi possível encontrar idosos que se mostraram verdadeiros contadores de histórias e famílias que ainda cultivam a cultura através de sua oralidade.

Palavras-chave: Narrativas Oraís; Contadores de histórias; Identidade cultural

1. INTRODUÇÃO

"O narrador conta o que ele extrai da experiência - sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história".

Walter Benjamin³

¹ Formação: Educanda do Curso de Especialização em Educação do Campo, Programa Saberes da Terra, Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral (UFPR Litoral); E-mail: silviarenatazanon@hotmail.com.

² Prof. Dr. Marcelo Silva da Silva; Educador Orientador do Curso de Especialização em Educação do Campo, Programa Saberes da Terra, UFPR Litoral. E-mail: marcelao_rs@yahoo.com.br.

³ BENJAMIN, Walter. "O narrador". Consideração sobre a obra de Nicolai Leskov, In: Obras Escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política - Ensaio sobre leitura e história de Cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Foi o tempo em que pessoas sentavam-se na varanda de suas casas para contar e ouvir histórias. Famílias inteiras, vizinhos e amigos passavam horas e horas ali, repassavam de maneira oral, histórias contos e “causos” que ouviram de seus antepassados. Avós não deixavam seus netos dormirem sem contar-lhes uma bela história. Com isso, muito da cultura popular foi preservada.

Hoje, com a vida tão corrida não se acha tempo para essa atividade. O dia parece tão pequeno para os afazeres que ficar contando e ouvindo histórias se tornou uma perda de tempo. Juntando isso com as facilidades tecnológicas e a uma grande quantidade de informações que as pessoas estão expostas, acabou-se perdendo o interesse em ouvir e contar histórias. Atualmente as crianças preferem assistir TV ou divertir-se com jogos eletrônicos, vídeo games ou computadores, do que ouvir uma história contada por alguém mais velho.

As transmissões orais são inesgotáveis fontes de comunicação, informação e prazer, estimulam os laços de solidariedade e integração social. O ato de contar histórias é mais do que presentear a tradição oral, é transmitir, de boca em boca, todas as experiências, que a ancestralidade das comunidades adquiriu em sua caminhada. Sobre isto Busatto declara: “Histórias existem para serem contadas, serem ouvidas e conservarem aceso o enredo da humanidade: contar é uma antiga forma de expressão.” (BUSATTO, 2006, p.17)

Lembro-me de quando era pequena e morava no sítio, íamos sempre às rezas. O trajeto era feito a pé e no escuro das estradas de chão. Estávamos sempre acompanhados com nossos familiares e vizinhos. Durante este percurso ouvia muitas histórias. Na época de enfardar o algodão as famílias e os vizinhos de sítio se reuniam para trabalhar juntos, nós, as crianças, estavam sempre por perto ajudando e ali ouvíamos muitas histórias. Minha avó, meu tio avô, meu pai e minha sogra são legítimos contadores de histórias. Sempre me contam histórias de suas vidas ou de como era as coisas antigamente. Os idosos em geral adoram relatar suas histórias só muitas vezes não encontram pessoas disponíveis para ouvi-los.

Sobre isso podemos concordar com Zumthor que dizia: “Os veneráveis relatos dos velhos que narram aos jovens em volta os eventos de sua longa vida, de modo a exortá-los à virtude. Virtude e verdade coincidem”. (ZUMTHOR, 1993, p.86).

Os conhecimentos, saberes e produções culturais dessas pessoas devem ser levados em consideração, pois isto possibilita fortalecer a identidade dos povos reconhecendo-os como sujeitos históricos, produtores de cultura. O ser humano é sujeito da história, não está colocado no mundo, mas ele é o mundo, faz o mundo, faz cultura. É importante alimentar essa cultura, incentivar o resgate dos valores culturais, como essenciais para o desenvolvimento da cidadania. Nos itens a, b, c do caderno: Por uma Educação Básica do Campo, pode-se observar a preocupação com essa questão:

“Compreender as raízes dos povos do campo (valores moral, tradição, etnias, festas, religiosidade popular, histórias da luta do povo, símbolos, gestos e mística) e incentivar produções culturais próprias, sensibilizando a sociedade para valorizá-las. Realizar eventos que expressem e promovam as culturas camponesas, indígenas e quilombolas, transformando as escolas em centros de cultura. Romper com os modismos e concepções alienantes, que dão sentido pejorativo e desvalorizam o campo e as pessoas que nele vivem, recuperando sua auto-estima.” (Kolling, 1999, p.79)

Portanto este trabalho se fez necessário para entendermos a lógica do esquecimento dessas raízes, sobretudo as narrativas orais, para que a partir deste estudo se desenvolva formas de resgate junto à educação do campo para o fortalecimento da identidade desses povos.

O objetivo deste estudo foi identificar as famílias que ainda mantêm a prática de relatos orais e as que não o fazem mais, a fim de conhecer as razões que levaram ao seu enfraquecimento.

O estudo foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica procurando de acordo com alguns autores entender mais sobre o assunto. Também foi realizado um trabalho de campo. As técnicas de coleta de dados constituíram em entrevista com algumas famílias da área rural, mais especificamente no Bairro Guaxupé na

cidade de Andirá, Norte do Paraná. As entrevistas aconteceram no mês de maio e foram realizadas por mim com o intuito de encontrar famílias, que ainda mantêm o hábito de contar histórias, e procurando entender os motivos que levaram ao enfraquecimento dessas práticas em outras famílias. Foram utilizadas: entrevistas semi-estruturadas, porém concedeu-se ampla liberdade aos entrevistados para interrompê-la, contar histórias e intercalar perguntas com comentários sobre a vida pessoal, diário de anotações, onde foram anotadas todas as informações pertinentes para o desenvolvimento da pesquisa, inclusive as conversas informais com os entrevistados e observação participante, a fim de coletar dados relevantes para o trabalho.

2. CULTURA, CAMPO E EDUCAÇÃO DO CAMPO

A expressão Cultura pode assumir diversos enfoques, aqui a definiremos como produção humana, que se constrói a partir das relações do ser humano com a natureza, com o outro e consigo mesmo. É o processo pelo qual o homem resgata seus valores encontrados na riqueza do saber popular. Podem ser compreendidas como os modos de vida, que são: seus costumes, suas músicas, danças e relações: religiosa, de trabalho, com familiares e etc. Essas manifestações são geradas na prática social produtiva dos povos. Essas tradições culturais vão constituir num elemento importante na definição positiva da identidade deles. Eles são a história, fazem cultura e não apenas as recebem. Assim: “Precisamos nos livrar do hábito de ver a cultura como conhecimento enciclopédico, e os homens como simples receptáculos a serem preenchidos”. (GRAMSCI apud SCHELLING, 1991, p. 35)

O campo é um lugar de trabalho, de cultura, de produção, de conhecimento na sua relação de existência e sobrevivência. Este jeito de se relacionar com a natureza, seu trabalho com a terra, a organização das atividades produtivas, a cultura e valores que enfatizam as relações familiares e de vizinhança, as festas

comunitárias e de celebração da colheita e o vínculo com uma rotina de trabalho que nem sempre segue o relógio mecânico é o que caracteriza os povos do campo.

O campo retrata uma diversidade sociocultural, que se dá a partir dos povos que nele habitam e a educação do campo deve estar vinculada a um projeto de desenvolvimento desses sujeitos. Deve ser entendido pelo modo de vida social, valorizando seu trabalho, sua história, seus conhecimentos.

A educação para os povos do campo não deve ser trabalhada a partir de um currículo essencialmente urbano e nem deslocado das necessidades e da realidade do campo. A cultura, os saberes da experiência, a dinâmica do cotidiano dos povos do campo devem ser tomados como referência para o trabalho pedagógico. Elaborar o conhecimento partindo dos próprios povos do campo e de suas experiências vividas.

Existe no campo uma produção cultural que deve estar presente na escola. Seus conhecimentos precisam ser levados em consideração, constituindo ponto de partida das práticas pedagógicas na escola do campo, pois são eles que fazem a escola ter um sentido na formação de seus educandos. Trata-se de uma educação que deve ser no e do campo.

"No: o povo tem o direito de ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem o direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais." (CALDART, 2002, p. 26).

Além disto, a escola rural deve fazer conexões com sua comunidade, valorizando seus conhecimentos, desenvolvendo uma prática pedagógica correlacionada a vida no campo e contextualizando-os a outros conhecimentos estimulando-os a produzir um novo saber, garantido valores necessários à formação de cidadãos. Speyer afirma a importância da utilização da cultura popular dos povos do campo como parâmetro no processo ensino/aprendizagem:

“É, pois, sem dúvida, no meio rural que vamos encontrar os valores primitivos da cultura popular do povo brasileiro; é a partir desses valores que devemos construir nossos parâmetros educacionais para esse meio; e é somente se o levamos em conta como "raízes" que podemos cultivá-los e fazer com que frutifiquem.” (SPEYER, 1983, p. 47).

3. A ORALIDADE E O ENFRAQUECIMENTO DA NARRATIVA ORAL

Sobre oralidade podemos dizer que ela fortalece relações entre as pessoas e comunidades, cria uma rede de transmissão de conhecimentos e de modo de vida. Contar histórias, contos e “causos” se constituem importantes instrumentos de acesso a cultura, além disso, as narrativas orais também transmitem um ato de ensinamento, característica dos contadores, que tiram dessas ocasiões lições que podem marcar profundamente a vida e a mente de seus ouvintes. Esta prática contribui para a estruturação e consolidação da cultura. Lourenço Rosário afirma que:

“Nas sociedades de tradição oral, a educação se associa à arte e o ato criativo está em função das preocupações da manutenção e prosperidade do grupo comunitário. Em suma, na oralidade, todos os atos, quer educativos, quer criativos, efetivam-se para preservação do grupo.” (ROSÁRIO, 1989. p.50)

Em comunidades com fortes tradições orais, as palavras se transformam em ação, cria uma relação de cumplicidade entre o contador e o ouvinte através do ato de contar, uma partilha de valores que são significativos e que não devem deixar de ser repassados e, principalmente preservados. Para Machado os contos tradicionais são: “obras de arte de tempos imemoriais, transmitidas ao longo dos séculos e das diferentes culturas, oralmente, de geração a geração” (MACHADO, 2004 p.13).

Quando um contador conta suas histórias, suas experiências, valores e saberes, construídos ao longo do tempo se transformam em patrimônio comum. Rondelli fala que, tão importante quanto o papel do contador, é o ato de contar junto às suas comunidades. Diz a autora:

“... Além do processo de socialização pelos valores que estão contidos nas histórias, nas mensagens que elas transmitem, a própria situação de contar história é um momento de socialização, pois propicia a convivência e a troca de experiência entre os participantes do evento.” (RONDELLI, 1993. p.30 e 31).

Andirá é um município pequeno e de forte produção agrícola. No bairro rural Guaxupé existem famílias que ali residem e trabalham com a terra há muitos anos. Escolhi algumas destas famílias para realizar as entrevistas. Neste trabalho apresento os resultados obtidos através da pesquisa de campo realizada nesta localidade sobre o enfraquecimento da cultura oral. Foram ouvidos idosos, adultos, adolescentes e crianças, com o intuito de descobrir famílias com tradições orais e que ainda mantém o hábito de contar histórias. Também foi possível compreender os motivos que levaram ao enfraquecimento dessas práticas em outras famílias. Para preservar a identidade dos sujeitos entrevistados, os mesmos aqui terão revelado apenas suas iniciais.

Durante as entrevistas pude comprovar que a narrativa é como um ofício manual, tecida enquanto se trabalha.

“Quando nossos pais iam cascar milho no terreiro, juntos aos demais companheiros de colônia, ouvíamos as suas histórias e causos.” (Seu M)

Concordando assim com Benjamin que comparava as narrativas a uma forma artesanal de comunicação. Para ele a narração oral estaria ligada às condições de uma sociedade artesanal, pré-industrial, onde o homem se relaciona com a natureza.

“A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesãos – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação.” (BENJAMIN, 1996. p. 205)

Com a modernização houve uma fragmentação social, que culmina no individualismo da atualidade, sem falar no êxodo rural e na urbanização, que transformaram os modos de vida das pessoas do campo e com isto as histórias orais, contadas de geração em geração como forma de transmissão de experiência, de formação de valores foram perdendo cada vez mais seu espaço. Outro fator foi o surgimento das tecnologias como a televisão, o computador e outros, que roubam o tempo das pessoas. O tempo deixa de ser aquele determinado pela natureza e passa a ser fundamentado no ritmo das máquinas e tecnologias, transformando não apenas o mundo, mas também o homem. As pessoas antes trabalhavam em comunidade, seus trabalhos eram manuais e precisavam de muitas pessoas para plantar, colher, confeccionar artesanato e outros. Esta forma de trabalho favorecia a troca de histórias na comunidade. Os ouvintes de tanto ouvir adquiriam espontaneamente o dom de narrá-las. Nesta época as famílias moravam perto uma das outras hoje com o êxodo rural houve um afastamento das entre as famílias e as poucas que ainda moram perto preferem realizar seus afazeres mais individualizados, com isso a troca de conhecimento na comunidade através da oralidade ficou enfraquecido.

“Antes moravam aqui muitas famílias. Nós sempre nos reuníamos nas portas das casas, íamos às rezas um na casa dos outros, trabalhávamos juntos enfardando algodão. Hoje quase não vejo ninguém, muitos se mudaram para as cidades. Os que aqui ainda moram não se interessam mais em estar juntos, preferem ficar sós em seus lares e com seus serviços.” (Dona D)

“Hoje a coisa é diferente. Ninguém tem mais tempo para nada. Todos estão sempre ocupados com seus trabalhos, seus estudos. Quando tem algum tempo só querem saber de televisão ou computador.” (Seu J)

O próprio Benjamin já havia nos alertado para o fim da figura do contador de histórias e a extinção da arte de narrar histórias. Nas palavras do autor, este declínio traduziu-se no desaparecimento progressivo da narração: “a arte de narrar caminha para o fim [...]. É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada. Ou seja, a de trocar experiências” (BENJAMIN, 1980, p. 57).

”desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade de ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve uma história.”(BENJAMIN, 1994, p. 205)

Benjamin acredita que a narrativa oral se deteriorou com o desenvolvimento dos meios de produção. Para ele, o grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais. Aos poucos tudo vai desaparecendo por causa do desenvolvimento industrial, e aquela forma artesanal de produção vai dando lugar a uma relação homem-máquina. A narração oral participava do trabalho manual, Kafka também compartilha desta idéia:

“Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual.” (KAFKA, 2000. p.205)

Dessa forma, com a tradição adoecida, não é apenas a figura do contador de histórias que se extingue, mas também as formas tradicionais de narrativa. Benjamin afirma que até bem pouco tempo atrás:

“Sabia-se muito bem o que era experiência: as pessoas mais velhas sempre a passavam aos mais jovens. De forma concisa, com a autoridade da idade, em provérbios; ou de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; ou ainda através de narrativas de países estrangeiros, junto à lareira, diante de filhos e netos. Mas para onde foi tudo isso? Quem ainda encontra pessoas que saibam contar histórias como devem ser contadas? Por acaso os moribundos de hoje ainda dizem palavras tão duráveis que possam ser transmitidas de geração em geração como se fossem um anel? A quem ajuda, hoje em dia, um provérbio? Quem sequer tentará lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1996. p. 115)

Atualmente os jovens não se interessam mais em ouvir os mais velhos, seus causos e suas histórias. Seus divertimentos hoje se reduzem a televisão, computador e jogos eletrônicos.

“Os idosos não têm mais vez, as crianças não gostam mais de nos ouvir, preferem seus brinquedos, seus jogos. Nós velhos, ficamos pra trás.”
(Dona C)

“Minhas atividades preferidas são assistir televisão e jogar no computador.” (L)

Com o desenvolvimento tecnológico, as pessoas trocaram a arte de ouvir e contar histórias e “causos” pela comodidade: de sentar no seu sofá e assistir TV, conversar no msn ou mesmo jogar ou brincar com jogos eletrônicos. O enfraquecimento do ato de contar histórias em sua forma tradicional no Brasil, ou seja, de boca a ouvido, pela voz próxima de pais, avós e vizinhos, ganhou um grande impulso com popularização da televisão, especialmente nas décadas 80 e

90, este é o período em que as narrativas visuais se sobrepuseram às narrativas orais (MATOS, 2005)⁴.

Ao modificar o espaço de convivência das pessoas, o seu modo de vida, a partilha de trabalho no campo, perde-se as histórias, as canções, os poemas, enfim a transmissão oral. Dona M fala do tempo em que era criança e como seus netos são:

“Quando era criança eu e minhas amigas tínhamos o hábito de brincar de roda. Depois, quando moça, recitávamos poemas e canções que nossas avós nos ensinavam. Minhas netas já não brincam mais de roda e não gostam e acham ridículos estes mesmos poemas e canções.”

Porém em algumas famílias entrevistadas foi possível encontrar fontes riquíssimas de histórias, contos, cantigas, rezas e adivinhas. Em algumas destas casas, no entanto a tecnologia ainda não se fazia tão presente. Dona C nos relatou o que fazem nos momentos de lazer:

“Aqui em casa conversamos bastante, contamos histórias, brincamos de o que é o que é com nossos filhos e cantamos também.”

Notou-se também em algumas famílias, que idosos apesar das dificuldades em encontrar pessoas interessadas em ouvi-los ainda não perderam o gosto por esta prática e sempre que possível narram seus feitos, suas histórias, recordam as músicas, versos, causos etc.

⁴ Em verdade, a ruptura na linha de transmissão da contação de histórias se deu substancialmente entre as décadas de 30 e 80, graças à urbanização e à primazia da televisão e da escrita frente às formas orais e populares de expressão (MATOS, 2005).

4. CONCLUSÃO

O presente trabalho pode comprovar o enfraquecimento da cultura oral. Antigamente era comum as pessoas se reunirem nas portas das casas, nas varandas, em roda do fogão ou meio aos seus afazeres para ouvir e contar histórias, mas o surgimento da televisão e do computador estes momentos se tornam cada vez mais raro. As narrativas orais e a figura do contador de histórias, tão comuns aos homens desde os primórdios, hoje têm cada vez mais sido substituída por outras formas de comunicação. Outro fator decisivo também foi o êxodo rural, que afastou famílias, dificultando o contato e a propagação da tradição entre elas.

Portanto devemos meditar sobre qual é o papel da educação do campo para o resgate dessa cultura, pois ao trabalhar as narrativas orais, como mediadora no processo educativo, além de resgatar a cultura dos povos do campo, desenvolve consciência crítica, imaginação, criatividade, expressão e comunicação. Contar histórias estimula o hábito da leitura, além de contribui para expandir o vocabulário. Segundo Abramovich (1991) o ato de escutar contos é o início para a aprendizagem de se tornar um leitor.

A escola é um espaço de transmissão e de recriação do saber humano acumulado ao longo da história da humanidade, mas é antes de qualquer coisa, um espaço de diálogo, de conversa e de comunicação oral. Investigar características das narrativas orais dos educandos, suas representações não só das suas experiências de vida, mas também das suas noções do que é a existência social ao relatar sua realidade contribui não só para um melhor trabalho do educador com o conteúdo, como também se constitui num recurso necessário para o sucesso do processo ensino-aprendizagem.

O conhecimento cultural oral produzido e trazido pelos educandos ao processo de ensino-aprendizagem torna a construção do conhecimento concreto e significativo, pois retrata sua vivência.

Vygotsky (1989), sobre isto já dizia que a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar que nunca parte do zero. É na prática da escola do campo que a teoria vygotskyana pode ser vivenciada no enfoque sócio-histórico-cultural.

Partindo-se do pressuposto que a criança, ao chegar escola, já possui uma vasta bagagem cultural proveniente do meio em que vive, é papel dos educadores que atuam em escolas rurais, orientar e conduzir o conhecimento a partir de uma prática vivenciada e correlacionada as histórias de vida e à realidade da criança. Segundo Busatto (2003), esse caminho didático permitirá ao aluno valorizar a identidade cultural e a respeitar a multiplicidade de culturas e a diversidade inerente a elas.

A educação do campo deve valorizar as narrativas orais e os conhecimentos que o aluno já possui e, a partir da sua visão de mundo, desenvolver uma prática pedagógica que estimule a pensar, criar, dialogar e participar ativamente na construção de novos conhecimentos. Com estas maravilhosas e divertidas narrativas várias aprendizagens podem acontecer, é possível aprender sobre povos e suas culturas, sobre História, Geografia e outras disciplinas.

“as narrativas de casos e contos podem ser aproveitadas em todas as atividades. Através dessas narrativas podem ser ministradas aulas de Linguagem, Matemática, Educação Física, com o máximo de interesse e maior eficiência”. (TAHAN 1966. p.142). “É o exemplo do escritor Monteiro Lobato, que mostrou que até a aritmética, com seus cálculos e suas frações, pode ser aprendida sob a forma de história,...” (TAHAN, 1966. p.26).

Através das narrativas é possível construir uma identidade, descobrir-se em sua cultura, portanto a escola do campo deveria aproveitar os idosos contadores de

histórias e promover momentos de divulgação de contos orais, para despertar nas crianças e jovens a vontade em ouvir e contar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 2.ed. São Paulo: Scipione; 1991.

BAQUERO, Ricardo. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BENJAMIN, Walter. “O narrador”. Consideração sobre a obra de Nicolai Leskov, In: Obras Escolhidas, **Magia e Técnica, Arte e Política** - Ensaio sobre leitura e história de cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov; Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: Obras escolhidas I: **Magia e técnica, arte e política**. 10. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1996.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: Obras escolhidas I: **Magia e técnica, arte e política**. 10. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1996.

BENJAMIN, Walter. Franz Kafka: A propósito do décimo aniversário de sua morte. In: Obras escolhidas I: **Magia e técnica, arte e política**. 10. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1996.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

BUSATO, Cléo. **A Arte de Contar histórias no Século XXI: tradição e ciberespaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

CALDART, Roseli S. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: **Educação do campo: identidade e políticas públicas**- Caderno 4. Brasília: Articulação Nacional “Por Uma Educação Do Campo”, 2002.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. São Paulo, Edições Melhoramento, 1971.

KAFKA, Franz. **Carta a meu pai**. Tradução: Torrieri Guimarães. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

KOLLING, Edgar Jorge. **Por uma Educação básica do campo**. Fundação Universidade de Brasília, 1999.

MACHADO, Regina. Acordais: **fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004.

MATOS, Gislayne.A. **A Palavra do Contador de Histórias**: sua Dimensão Educativa na Contemporaneidade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

MATO GROSSO DO SUL, Secretaria de Estado de Educação. Caderno da Escola Gaicuru. **Educação Básica do Campo**. 1ª ed. 2000.

RONDELLI, Beth. **O Narrador e o Vivido**. Rio de Janeiro: FUNARTE/IBAC, 1993.

ROSÁRIO, Lorenço Joaquim da Costa. **A Narrativa Africana de Expressão Oral**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989.

SCHELLING, Vivian. **A presença do povo na cultura brasileira**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

SPEYER (1983), Anne Marie. Educação e Campesinato: **Uma educação para o homem do meio rural**. São Paulo: Ed. Loyola, 1983.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.

VYGOTSKY, LEV S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 3ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: a literatura medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.